

Artículo de investigación

Cuestiones de Filosofía
ISSN: 0123-50-95
E- ISSN: 2389-9441
Vol. 20 – Nº 1
Enero – junio, año 2017
Pág.: 42 - 54

Foucault y el marxismo *

Foucault and Marxism

Kelin Valeirão **

Universidade Federal de Pelotas (Brasil)

Recepción: 19 de octubre 2016

Evaluación: 3 de diciembre del 2016

Aceptación: 21 de abril del 2017

¹ O presente artigo dialoga com o Capítulo I, **Marx e Foucault**, da tese de doutoramento defendida em 2014. Grupo de Estudos Michel Foucault. Universidade Federal de Pelotas (Pelotas/RS-Brasil). Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Departamento de Filosofia.

² Professora Adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas. Endereço eletrônico kpaliosa@hotmail.com.

Resumen

El presente artículo busca presentar al filósofo Paul-Michel Foucault, partiendo del presupuesto de que el pensamiento deste es, en su mayoría, fruto de discusiones y luchas teóricas con Karl Heinrich Marx y, principalmente, con el marxismo. En un primer momento, defendemos que Foucault hizo uso de las ideas de Marx, teniéndolo como influencia sobretodo durante su corto pasaje por el Partido Comunista. En un segundo momento, exponemos algunos de los impases con el marxismo y con el pensamiento de diferentes pensadores y militantes, dichos marxistas. Por fin, nos parece que Marx y Foucault no son filósofos para todas las estaciones. Aunque se sepa que el pensamiento de ambos fué utilizado en larga escala, ellos no sirven para todo! El pensamiento de Foucault demuestra una visión cristalina acerca de la diferencia existente entre la persona Marx y su pensamiento, el marxismo y los marxistas. Tal vez de ahí venga el espanto de Foucault al percibir que desde el início fué considerado un enemigo por los marxistas.

Palabras-clave: Foucault; marxismo; comunismo.

Abstract

This article seeks to present most of Michel Foucault's ideology based on the assumption of being the result of discussion and theoretical disputes with Karl Marx, mainly with Marxism. Firstly, it is argued that Foucault received Marx's ideas, especially during his short activist membership in the French Communist Party. Secondly, some of the Foucault's impasses with Marxism and its different thinkers and activists' ideas. As a conclusion, it is argued that Marx and Foucault are not philosophers for all seasons; although widely known, their ideologies do not fit in everything! Foucault points out a clear difference among Marx as a person, his thoughts, Marxism, and Marxists. Such point might explain Foucault's fear when perceiving he was considered a Marxists' enemy from the beginning.

Key words: Foucault, Marxism, Marx, Communist Party.

Resumo

O presente artigo busca (re) apresentar o filósofo francês Paul-Michel Foucault, partindo do pressuposto de que o pensamento deste é, em boa parte, fruto de discussões e lutas teóricas com Karl Heinrich Marx e, principalmente, com o marxismo. Num primeiro momento, defendemos que Foucault fez uso das ideias de Marx, tendo-o como influência sobretodo durante a sua curta passagem pelo Partido Comunista. Num segundo momento, expomos alguns dos impasses com o marxismo e com o pensamento de diferentes pensadores e militantes, ditos marxistas. Por fim, parece-nos que Marx e Foucault não são filósofos para todas as estações. Embora seja sabido que o pensamento

de ambos foi e é utilizado em longa escala, eles não servem para tudo! O pensamento de Foucault demonstra uma visão cristalina acerca da diferença existente entre a pessoa Marx e seu pensamento, o marxismo e os marxistas. Talvez daí venha o espanto de Foucault ao perceber que desde o início foi considerado um inimigo pelos marxistas.

Palavras-chave: Foucault; marxismo; comunismo

Introdução

Como é de praxe, tanto a filosofia de Marx quanto o pensamento de Foucault foram e são exaustivamente trabalhados na área das Ciências Humanas e demais áreas do saber. Todavia, há um entendimento de que alguns filósofos não dialogam entre si por questões históricas, sociais e ideológicas. Até aqui temos um campo fértil, uma vez que a Ciência está sempre em processo e fazer Ciência é trazer o novo como possibilidade aos estudos antecessores. No caso destes dois autores, Marx e Foucault, precisamos “limpar” o campo de investigação.

Lemke (2000) no trabalho apresentado no *Rethinking Marxism Conference*, na Universidade de Amherst (MA) em setembro de 2000, sinaliza a afirmação de Étienne Balibar ao defender que Foucault mudou seu desenvolvimento teórico a partir da ruptura com o marxismo. Isso não nos parece novidade, uma vez que acaba dando sustentação ao que Sartre já havia posto: “o marxismo é o alvo. Trata-se de constituir uma ideologia nova, a última barreira que a burguesia ainda possa levantar contra Marx”³ (ERIBON, 1990, p.168). Claro que Foucault nega e acaba, inclusive, ironizando as palavras de Sartre, dizendo que este último, por ser um filósofo ocupado, não teve tempo para ler seus escritos. Entretanto, o que parece ser visível é que o pensamento de Foucault traz como produtividade o uso de conceitos marxistas ou alguns conceitos compatíveis com o marxismo, seja para propor deslocamentos, seja para refutá-los.

Neste sentido, a própria crítica que Foucault faz ao Estado Moderno poderia ser vista como algo próximo à crítica, ao mesmo Estado que recebeu a denominação pejorativa de burguês, executada por um grupo de intelectuais denominados marxistas. Sob esta lógica argumentativa, Foucault aparece como um possível marxista destinado a destrinchar o fenômeno do poder, mas a crítica ao poder é também uma crítica ao conceito de ideologia. Assim, o filósofo francês, teve grandes impasses com o marxismo e, principalmente, com o pensamento de diferentes pensadores e militantes, ditos marxistas.

Ao estabelecer uma relação entre autoridades como Marx e Foucault, há muito com o que nos preocupar! Começaremos por uma breve diferenciação entre o pensamento do filósofo Marx, o marxismo e os marxistas. Isso se faz necessário por haver uma grande confusão, como se estas três palavras fossem por ora tidas como sinônimo. Acreditamos

³ Para Sartre, a recusa que Foucault faz à história é uma maneira de rejeitar o marxismo.

ser importante expor aqui que Foucault fez uso das ideias de Marx, tendo-o como influência e acabou tendo uma curta passagem pelo Partido Comunista. Por outro lado, o filósofo francês teve grandes impasses com o marxismo e, principalmente, com o pensamento de diferentes pensadores e militantes, ditos marxistas.

Foucault, leitor de Marx

Quero referir-me a uma espécie de filosofia marxista que é, a meu ver, um acompanhamento ideológico das análises históricas e sociais de Marx, assim como de sua prática revolucionária, e que não constitui o cerne do marxismo, entendido como análise da sociedade capitalista e o esquema de uma ação revolucionária nessa sociedade. (Foucault)

A crítica que o filósofo francês submete ao Estado moderno poderia ser vista como algo próximo à crítica, ao mesmo Estado que recebeu a denominação pejorativa de burguês, executada por um grupo de intelectuais denominados marxistas. Sob esta lógica argumentativa, Foucault aparece como um possível marxista destinado a destrinchar o fenômeno do poder, mas a crítica ao poder é também uma crítica ao conceito de ideologia. Outrossim, o filósofo francês, teve grandes impasses com o pensamento de Marx, o marxismo e, principalmente, com diferentes teorias a partir dos pensadores e militantes, ditos marxistas.

Marx foi o precursor do conjunto de ideias que constituiu o marxismo, juntamente com Friedrich Engels. Contudo não podemos esquecer que o marxismo foi desenvolvido por seus seguidores, ou seja, ultrapassou as ideias do próprio Marx. Neste sentido, podemos apontar o marxismo como uma corrente político-teórica que abarca uma grande quantidade de marxistas que apresentam diferentes posições teóricas e políticas, inclusive, às vezes, antagônicas. Neste contexto, talvez o próprio Marx acabaria se assustando com o leque de possibilidades que o marxismo acabou abrindo, uma vez que o autor não esteve vivo para ver o que o marxismo do século XX se tornou.

Com essas poucas palavras, iniciais e necessárias, adentramos propriamente na relação existente entre Marx e Foucault:

Acontece com frequência de eu citar conceitos, frases, textos de Marx, mas sem me sentir obrigado a juntar a pequena peça autenticadora, que consiste em fazer uma citação de Marx, em colocar cuidadosamente a referência em nota de pé de página, e em acompanhar a citação de uma reflexão elogiosa, mediante o que se é considerado como alguém que conhece Marx, que reverencia Marx e que se verá honrado pelas revistas ditas marxistas. Eu cito Marx sem dizê-lo, sem colocar aspas, e como eles não são capazes de reconhecer os textos de Marx, eu passo por ser aquele que não cita Marx. Será que um físico, quando faz física, sente a necessidade de citar Newton ou Einstein? Ele

os utiliza, mas não tem necessidade de aspas, de notas em pé de página ou de aprovação elogiosa que prove a que ponto ele é fiel ao pensamento do mestre (FOUCAULT, 2006, p. 173).

Nesta citação, muitas questões estão presentes. Entre elas, devemos desembaraçar Marx, de um lado, e o marxismo, de outro. Além disso, fica claro que Foucault faz uso, sim, do pensamento de Marx, com propriedade. Talvez mais visivelmente quando adere ao Partido Comunista em 1950, por influência de Louis Althusser. No entanto, vinha tentando se engajar desde 1947, mas não era aceito.

Na entrevista intitulada *La méthodologie pour la connaissance du monde: comment se débarrasser du marxisme*, concedida em 25 de abril de 1978, ao R. Yoshimoto, Foucault defende não achar pertinente acabar com o próprio Marx. Para ele “Marx é um ser indubitável, um personagem que expressou sem erro certas coisas, quer dizer um ser inegável como acontecimento histórico: por definição, não se pode suprimir um tal acontecimento” (FOUCAULT, 2010, p. 191). Aqui é importante salientar que Foucault leu Marx e, quando estava no Partido Comunista, considerava a doutrina marxista a mais prudente. Nesta época, os pontos de referência eram Hegel, Marx, Heidegger, dentre outros. Mais tarde, por volta de 1953, ocorre o encontro com Nietzsche, sendo uma influência determinante até seus últimos escritos. No que diz respeito a esta leitura, no fim da vida Foucault confessa conhecer Nietzsche bem melhor que Heidegger, frisando que se não tivesse lido Heidegger, provavelmente não teria chegado à leitura do pensamento nietzschiano.

Cabe frisar que Foucault não fez questão de que sua obra fosse coerente com um método único. Não queria ser situado, resumido a uma perspectiva filosófica. E chegou a declarar infinitas vezes que não pretendia alegar quem era tampouco conservar-se o mesmo. O filósofo remodela seu pensamento: ele muda e evolui constantemente, enveredando por novos e diferentes caminhos. Outrossim, quem venha a se aventurar a ler e a pesquisar a filosofia deste pensador-tipo⁴ precisa, antes de mais nada, saber lidar com as inconstâncias, com o pensamento nômade de Foucault, com suas idas e vindas que chegam a causar um certo constrangimento inicial, pois quando pensamos que estamos começando a entender o que o ele quer explicar viramos a página e nos deparamos com afirmações consistentes que dizem justamente o contrário do que fora antes dito. O pensamento de Foucault é assim: uma caixinha de surpresas! Talvez por isso Rajchman (1987) defende que Foucault não pretendia deixar como legado uma doutrina, um método ou uma escola de pensamento. E enfatiza:

[...] em discussões norte-americanas, Richard Rorty, o filósofo neo-deweyano, pode criticar Foucault por um despeito recalcado em relação à classe burguesa, enquanto que David Rothamn, o historiador social, pode queixar-se de que Foucault omitiu qualquer *menção* à classe burguesa em sua análise. Do mesmo modo, na França, Foucault foi acusado tanto de negligenciar o Estado como de

⁴ Expressão utilizada por Paulo Rouanet no texto *A gramática do Homicídio* (1996) para descrever Foucault consagrado à construção de um saber inteiramente despojado de conotações antropocêntricas.

fazer sua interferência tão profunda e total que não sobrava espaço para a “sociedade”. Pode-se inferir que a história de Foucault não se harmoniza facilmente com as nossas grandes histórias sobre capitalismo, burocracia e Estado (RAJCHMAN, 1987, p. 45).

Em 1950 Foucault estava ao centro de um grupo de *normaliens* comunistas chamado *Grupo folclórico* ou *Saint-Germain-des-Prés marxistas*. O grupo era composto por Paul Veyne, Jean-Claude Passeron, Gérard Genette, Maurice Pinguet, Jean Molino e Jean-Louis van Regermoter. Eles eram comunistas embora não seguissem à risca o partido. Ainda nesta época, Foucault era chamado de *le Fouk's* e criou um laboratório de psicologia numa antiga discoteca desativada. Ao receber os visitantes mostrava uma caixa de sapato com um rato e exprime com ironia: “esse é o laboratório”. Outrossim, como os demais colegas do grupo, Foucault adere ao Partido Comunista, ao qual ficará ligado até 1953. Chegou a afirmar em uma entrevista concedida a Ducio Trombadori, em 1978:

Para muitos de nós, jovens intelectuais, o interesse por Nietzsche e Bataille não representava uma forma de se afastar do marxismo ou do comunismo. Ao contrário, era a única via de comunicação e de passagem para o que acreditávamos dever esperar do comunismo (...). Foi assim que, sem bem conhecer Marx, recusando o hegelianismo, sentindo-me mal com os limites do existencialismo, decidi aderir ao Partido Comunista. Estávamos em 1950: nessa época ser “comunista nietzschiano”! Uma coisa no limite do vivível e, se quiser, talvez um pouco ridícula; eu sabia disso (ERIBON, 1990, p. 65-66).

Uma questão um tanto curiosa, o encontro de Foucault com Nietzsche se deu, mais tarde, em 1953, justamente no ano em que o filósofo francês sai do Partido Comunista. Como se não bastasse, posteriormente, em 1983, em conversa com Paul Veyne Foucault declara ver no marxismo uma doutrina sensata. Talvez Foucault não esteja sendo muito sincero ao intitular-se um comunista nietzschiano, pois ao lermos os seus textos desta época percebemos que o pensamento de Nietzsche não se faz presente.

Independente da sinceridade ou não de Foucault, o fato é que em 1953 se afasta do partido por vários motivos: entre eles, sentia-se extremamente constrangido em participar de um “partido que rejeitava e condenava o homossexualismo como um vício da burguesia e um sinal de decadência” (ERIBON, 1990, p. 69). Todavia, Foucault acabou acrescentando uma outra razão: o caso “dos aventais brancos”⁵ e, por fim,

⁵ Em 1952 os médicos de Stálin foram acusados de conspirar contra a sua vida, os membros do Partido Comunista (PC) acreditam na versão soviética oficial, ou seja, os médicos tentaram matar Stálin. Contudo Foucault relata a Ducio Trombardi que André Wurmser convoca uma reunião para explicar o complô e todos os membros do PC acreditam na versão embora não estejam realmente convencidos. Três meses após a morte de Stálin descobrem que a ideia do complô é pura invenção e escrevem ao Wurmser,

declara ter saído do PCF depois do famoso complô dos médicos de Stálin, no inverno de 52, e por causa de uma persistente sensação de mal-estar. Mais tarde, ao ser questionado a saída de Foucault, Althusser reforça que Foucault saiu mesmo do partido por causa de sua homossexualidade.

No final de 1966, em setembro, Foucault vai para a Tunísia para lecionar Filosofia na Faculdade de Letras e Ciências Humanas, num antigo Liceu da cidade que se transformou em Universidade, uma espécie de exílio pessoal, se desliga administrativamente de Clermont-Ferrand e assume um contrato com previsão de três anos, mas acaba ficando dois.

Na Tunísia os alunos não gostavam de ouvir Foucault citar Nietzsche sobre qualquer pretexto tampouco a sua hostilidade com relação ao marxismo. Em 1967, Foucault é classificado pelos alunos como à direita. Em contrapartida, Foucault, segundo relatos de Eribon (1990), declara que os alunos reivindicam o marxismo, com uma violência, uma intensidade, uma paixão extraordinária. O marxismo era não só uma análise melhor das coisas, como também uma espécie de energia moral, de notável demonstração de existência. Em um passeio com o diretor de *Le Nouvel Observateur*, Jean Daniel, chega a declarar ao ver um grupo de estudantes pela rua que estes seriam a revolução.

Foucault vai para a Tunísia para, de certa forma, se afastar da vida política. Afinal, estava decepcionado com o PC e o que buscava era justamente uma vida entre os prazeres do sol e a ascese filosófica. Porém, seus dias estavam contados e a política novamente o agarra. Não tardou para Foucault se envolver num movimento político juntamente com os alunos na Tunísia. Chegou, inclusive, a esconder o mimeógrafo do grupo e vários panfletos em seu jardim, assim como não se conforma com a passividade e dá refúgio a estudantes perseguidos pela polícia em sua própria casa; e ao voltar das férias de verão de 1968 tenta depor nos processos a favor dos estudantes, ficando bastante abalado

(...) Devo dizer que esses rapazes e moças que corriam riscos terríveis redigindo um panfleto, distribuindo-o ou fazendo um apelo à greve... que realmente corriam risco de ser privados da liberdade! ... me impressionaram muito, muito. Para mim foi uma experiência política. De minha passagem pelo Partido Comunista, do que pude ver na Alemanha, da maneira como as coisas se passaram com relação aos problemas que eu queria colocar a propósito da psiquiatria, quando voltei à França... de tudo isso guardei uma experiência política um pouco amarga, um pouco de ceticismo muito especulativo, não escondo... Lá, na Tunísia, fui levado a dar uma ajuda concreta aos estudantes... De algum modo tive de entrar no debate político (ERIBON, 1990, p. 181).

Em 1968, no outono, Foucault volta à França, e no dia 23 de janeiro de 1969 entra na gesta esquerdista. Talvez essa atitude seja motivada pela experiência que teve

solicitando um esclarecimento acerca do ocorrido, mas nunca recebem a resposta. Foucault qualifica a atitude como desastrosa, e confessa que se sentia mal em estar no PC.

juntamente com os alunos na Tunísia embora seja considerado pouco engajado pelos esquerdistas, uma vez que não estava na França no maio de 68. A questão é que a partir de 1969 começa a encarar a própria figura do intelectual militante, temos um Foucault das manifestações e dos manifestos, das lutas e das críticas.

Após maio de 68 o governo cria, como medida paliativa, a reforma do ensino superior na França e é constituída uma Comissão de Orientação composta por aproximadamente vinte pessoas, entre elas Jean-Pierre Vernant, Georges Canguilhem, Emmanuel Le Roy Ladurie, Roland Barthes, Jacques Derrida. Eles têm a tarefa de recrutar o corpo docente da nova faculdade. Foucault, por intermédio de Georges Canguilhem, é indicado para dirigir o Departamento de Filosofia. A notícia causa um mal-estar geral entre os esquerdistas, pois além de Foucault não ter participado do maio de 68 ele também é considerado um gaullista.

A questão é que Foucault assume o Departamento de Filosofia e durante os dois anos que fica na Universidade de Vincennes trata de reunir a sua volta o que considera que a Filosofia tem de melhor na França. Inicialmente solicita Deleuze, mas este teve que recusar devido ao seu estado de saúde. Após solicita Michel Serres que atende ao chamado imediatamente. Em seguida, Foucault vai à procura dos alunos de Althusser e Lacan, mas muitos estão prestando serviço militar. A filha de Lacan, Judith Miller, Alain Badiou, Jacques Rancière, François Regnault, Henri Weber, Étienne Balibar, François Châtelet são solicitados, entre outros.

Em dezembro de 1968, a Universidade de Vincennes abre as portas e no dia 23 de janeiro do ano seguinte o comitê de ação do liceu Saint-Louis resolve projetar filmes sobre maio de 68 durante uma reunião. A reitoria proíbe e solicita que seja cortada a energia elétrica para que a reunião não ocorra. Mais de 300 alunos entram com um gerador e o filme é projetado. Em seguida, saem em passeata e um comício é organizado. Uma palavra de ordem é feita: ocupação da reitoria. Os estudantes e alguns professores invadem também a faculdade, tudo serve: mesa, cadeira, armários etc. À noite a polícia intervém e estudantes e professores são levados ao centro de controle da polícia parisiense – Beaujon. Foucault e Daniel Defert estão entre os últimos a serem interrogados, os olhos ainda vermelhos por causa do gás. Como os demais, Foucault é liberado ao amanhecer.

Em janeiro de 1970 o ministro da Educação, Olivier Guichard, denuncia o caráter marxista-leninista do ensino de Filosofia no ano de 1968-1969 e resolve suprimir a habilitação nacional dos diplomas concedidos por Vincennes nessa disciplina, ou seja, os estudantes não poderão se apresentar aos concursos de recrutamento do ensino secundário. Outra questão curiosa, Foucault está na direção do Departamento de Filosofia que apresenta um programa de cursos que é considerado de caráter marxista-leninista. Fica a interrogação: como Foucault pode ser considerado contra Marx, contra o marxismo, contra os marxistas e aprovar um programa de caráter marxista-leninista, a ponto de correr o risco da habilitação nacional do curso ser suprimida? Colocar Marx e Foucault em pólos antagônicos parece-nos, no mínimo, um devaneio falacioso!

Foucault, como diretor do Departamento de Filosofia, defende que sendo o objetivo estudar o mundo contemporâneo, o departamento não poderia deixar de ser uma reflexão sobre a política. Dias mais tarde, na entrevista intitulada *Le piège de Vincennes*, publicada no dia 9 de fevereiro de 1970, no *Le Nouvel Observateur*, Foucault questiona como dar cursos desenvolvidos e diversificados com 950 alunos para oito professores e problematiza o que é a filosofia e em nome de quem, de que texto, de que critério, de que verdade rejeitam o que fizeram até então. E passando à contra-ofensiva, polemiza que o essencial do discurso do ministro não são as razões que ele apresenta e, sim, a decisão que ele quer tomar. Decisão clara: os estudantes que tiverem cursado Vincennes não terão o direito de lecionar no secundário. E Foucault (1970) problematiza acerca do que a filosofia tem de tão perigoso que é preciso tanto cuidado para protegê-la? E o que há de tão perigoso em Vincennes?

E a essas alturas Foucault já estava enfasiado. O diretor do Departamento de Filosofia, que age com desembaraço na contestação esquerdista e nas manifestações diárias, parece estar traumatizado com a experiência em Vincennes. Alguns defendem que Foucault, ora foi visto com barra de ferro prestes a atacar comunistas, ora foi visto atirando pedras em policiais. A questão é que ele várias vezes alega, entre amigos, estar farto e lhe agrada a ideia de sair de Vincennes onde, aliás, sempre soube que teria uma presença transitória. Neste mesmo ano, cumpre os rituais de ingresso no Collège de France, deixando o Departamento de Filosofia nas mãos de François Châtelet.

Justamente em 1970, exatamente no dia 2 de dezembro, Foucault realiza a aula inaugural⁶ no Collège de France. Ele tinha 43 anos e, depois de uma carreira⁷ dividida entre cidades e distribuída de um cargo a outro, Foucault liga-se a um glorioso instituto de saber, no coração de Paris. Pouco tempo depois, publica a aula na íntegra sob o título *A ordem do discurso*.

O Collège de France é uma instituição de ensino que se utiliza de uma metodologia própria. Não há uma relação de diálogo entre professor e alunos. Os alunos comparecem à instituição somente num encontro semanal, atuando como ouvintes. Em entrevista concedida em 1975, reportagem sobre os grandes professores das universidades francesas, Foucault declara que quando a aula não foi boa bastaria uma pergunta para consertar tudo, mas essa pergunta nunca vem e alega ter uma relação de ator ou de acrobata. E quando termina de falar há uma sensação de completa solidão. A relação teatral que Foucault anuncia advém da tradição da instituição de ensino a que estava ligado. É importante frisar que no Collège de France

⁶ Aula inaugural significa abertura de um ensinamento, o lugar onde Foucault mostra todos os recursos de seu saber, trabalho e talento pedagógico diante das multidões sempre numerosas e ardentes que se encontram na sala 8 e nas salas sonorizadas.

⁷ A palavra “carreira”, reporta às diferentes instituições educacionais ou atividades relacionadas ao ensino em que o professor Foucault esteve envolvido profissionalmente até ingressar no Collège de France. Para saber mais acerca do professor Foucault sugerimos a obra *Michel Foucault (1926-1984)*, de Didier Eribon. Esta constitui-se numa biografia da vida e obras de Foucault, trazendo trechos de livros, fotos, documentários, dentre outras tantas informações pertinentes. A terceira e última parte da obra intitulada *Militante e professor no Collège de France* é bastante sugestiva para aprofundar a questão do Foucault professor.

O professor deve apresentar na aula uma pesquisa, “a ciência se fazendo”, segundo a fórmula de Renan. Com a obrigação de inovar todos os anos. Assim, Foucault expõe o material sobre o qual trabalha, formula as hipóteses sobre as quais reflete. Isso se tornará *Surveiller et punir* ou *La volonté de savoir*, ou ainda a parte final de sua *Historie de la sexualité*. De qualquer forma essa atividade magisterial exige um trabalho de preparação muito grande. E nos últimos anos de sua vida ele muitas vezes falará de sua vontade de acabar com esse fardo que cada vez lhe pesa mais e mais (ERIBON, 1990, p. 207).

Embora Foucault demonstre um enorme cansaço pela dura rotina da instituição, permaneceu nela até sua morte. E justamente no período em que esteve ligado a ela, torna-se uma figura pública, sendo fartamente mencionado por seus livros, suas crônicas e outras produções acadêmicas e extra-acadêmicas. Talvez, daqui, nasça a tão conhecida frase: *Foucault como pãezinhos*⁸, ramerrão nas capas de revistas e jornais parisienses.

Na década de 70, Foucault faz acreditar piamente que cada um dos seus interlocutores é o único com quem mantém relação privilegiada, resultando em perspectivas deformadas nas relações desta época. Isso acaba justificando que, em Foucault, tudo se confunde, se imbrica, se mistura quando é preciso situar determinado fato no tempo ou numa seqüência que lhe dê sentido. Nesta época o filósofo se divide entre as manifestações (militância) e as assembleias, aulas e seminários no Collège de France. As escolhas de Foucault parecem causar uma certa perturbação em alguns colegas professores. Num dia de 1971, uma ligação é feita a Georges Dumézil na qual um professor declara estar apavorado com as atitudes espalhafatosas de Foucault. Dumézil sugere ao professor que se acalme e defende que a recepção de Foucault na instituição de ensino foi uma ação sensata.

Foucault assume uma postura diferenciada da maioria dos demais professores do Collège de France. Isso causa um certo desconforto. Afinal, assim como não há um único Marx⁹, não há apenas um Foucault! O filósofo assume máscaras e sempre as muda. Como se não bastasse, proprõe seu próprio pensamento como um percurso cheio de idas e vindas, trazendo uma enorme insegurança. Não há como situar Foucault, não há como resumi-lo a uma posição política ou ideológica. Seu pensamento é complexo e mutável. Se adentrarmos o envolvimento político do filósofo

⁸ Nome dado ao artigo que o jornal *Le Nouvel Observateur* dedicou às melhores vendas de 1966. Em agosto e setembro de 1965 Foucault vem ao Brasil e, em São Paulo, entrega a Gérard Lebrun um manuscrito para revisão. Este constitui-se na obra publicada em abril de 1966 intitulada *Les mots e les choses* que por surpresa do próprio autor e editor é um enorme sucesso.

⁹ Para Bobbio (2006, p. 304), “existem muitos Marx e de que, à distância de mais de um século, não dá para salvar a todos eles nem para jogá-los todos fora”, a isso o autor chama de “dissociação” a qual a recuperação se dá diante à dissociação dos vários Marx: o economista, o historiador, o sociólogo, o filósofo, dentre outras faces do personagem Marx.

Há um conjunto de problemas comuns à história de Foucault e a sua meta-história que gera um dilema para o seu compromisso intelectual com a esquerda. O dilema pertence a uma situação mais geral dos intelectuais franceses, atribuída ora a uma desvalorização do pensamento marxista, a um declínio no espírito oposicionista simbolizado por 1968, a um “fim da ideologia” ou mesmo à vitória socialista, resultando daí que já não pode ser admitido como ponto pacífico que um intelectual é automaticamente de *gauche* (RAJCHMAN, 1987, p. 40).

Mais tarde, acerca dos socialistas, Foucault se ressent e silencia. A tal ponto que acaba ironizando entre os amigos que quando quis se pronunciar, em dezembro de 1981, disseram para calar a boca. E quando ele se cala o silêncio espanta. O que significa, para Foucault, uma única coisa: só concedem o direito à palavra se concordar com eles. No verão de 1983, Foucault publica um livrinho intitulado *A cabeça dos socialistas*, como resposta às críticas a seu silêncio, defendendo que aos socialistas falta a arte de governar. Isso acaba justificando não somente alguns dos cursos proferidos no Collège de France acerca da arte de governar, mas também o recuo na história proposto nos últimos volumes da *História da Sexualidade*.

Outra questão bastante curiosa depois que Foucault se distancia da fase esquerdista, é que mantém as amizades feitas naquela época, com exceção de uma, que para Eribon constituía-se em uma das mais antigas e mais verdadeiras: a amizade com Gilles Deleuze, que nasce em 1962, em Clermont-Ferrand, à sombra de Nietzsche e não sobrevive à reorganização de suas opções políticas após 1975. Amizade que foi mantida durante anos e, inclusive, muitas vezes manifestada na troca afetuosa de publicações cruzadas e elogios de um ao outro.

Pouco antes de morrer, um dos desejos de Foucault era justamente reconciliar-se com Deleuze. Falava muito com seus amigos, especialmente com Paul Veyne a quem alegava com frequência que Deleuze era o único espírito filosófico da França. Parece que o desejo de reconciliação era recíproco Deleuze acaba recitando um trecho¹⁰ do Prefácio da obra *O uso dos prazeres*, de Foucault no pátio do hospital Pitié-Salpêtrière, onde Foucault foi internado no dia 9 de junho de 1984 e falece no dia 25 do mesmo mês, aproximadamente às 13h 15 min. Na tarde de 29 de junho, horas após a homenagem de despedida de Deleuze, o caixão é sepultado no modesto cemitério de Vendevre.

Considerações finais

Foucault sempre permaneceu atento a Marx, a sua maneira. Com isso, não defendemos que ele foi ou deixou de ser um marxista¹¹ tampouco que não o era. A questão que

¹⁰ Foucault (1984, p. 13): “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?”.

¹¹ Afinal, como rotular um escritor como Foucault que passou a vida tentando não ser capturado por classificações? Talvez o que estejamos realmente tentando é, de certa forma, trazer à tona alguns detalhes da vida do autor que ao invés de repelir o pensamento de Marx, conforme nos é dito, começa a questionar

interessa é clara: Foucault fez uso do pensamento de Marx e no fim da vida admite que poderia ter evitado muitos erros através de uma leitura precoce da Teoria Crítica, situando seu próprio pensamento numa tradição voltada para a ontologia do presente, saindo de Kant e Hegel, via Nietzsche e Weber, até a Escola de Frankfurt.

Parece-nos que Marx e Foucault não são filósofos para todas as estações. Embora seja sabido que o pensamento de ambos foi e é utilizado em longa escala, eles não servem para tudo! Mesmo sabendo que não propuseram nenhum tratado educacional, os filósofos apresentam pistas que contribuem na problematização de questões que, embora atuais, constituíram-se historicamente e trazem arraigadas um modelo moderno, questionado e discutido incansavelmente sob diferentes aspectos: econômicos, sociais, culturais e demais possíveis.

No que tange à relação entre Marx e Foucault, sobretudo o marxismo, percebemos que este último autor tem uma visão clara da diferença existente entre a pessoa Marx e seu pensamento, o marxismo e os marxistas. Talvez daí venha o espanto, o choque, de Foucault ao perceber que desde o início foi considerado um inimigo pelos marxistas.

Referências:

BOBBIO, Norberto. *Nem com Marx, nem contra Marx*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DIAS, Sousa. *Grandeza de Marx: por uma política do impossível*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault, 1926-1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. “A armadilha de Vincennes”, in MOTTA, Manuel Barros da (comps.) *Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. “Entrevista sobre a Prisão: o livro e o seu método”, in MOTTA, Manuel Barros da (comps.) *Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Le piège de Vincennes*. Paris: Le Nouvel Observateur, 1970.

FOUCAULT, Michel. Le jeu de Michel Foucault. In: *Ornicar? Bulletin périodique du champ freudien*, n. 10, julho de 1977, p.62-93.

FOUCAULT, Michel. *O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

se Foucault não estava justamente tentando fazer do marxismo uma ciência, coisa que outros marxistas não fazem ao dizer “Amém” aos escritos de Marx.

HARDT, Michael. “O comum no comunismo”, in *Revista Imprópria: política e pensamento crítico*. Lisboa: UNIPOP, 2012.

LEMKE, Thomas. *Foucault, Governmentality and Critique*. Acesso em: [http://www.andociasociology.net/resources/Foucault\\$2C+Governmentality\\$2C+and+Critique+IV-2.pdf](http://www.andociasociology.net/resources/Foucault$2C+Governmentality$2C+and+Critique+IV-2.pdf). Acesso em 3 de outubro de 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã: teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1987.

OCAMPO, G. H. (2015). Gubernamentalidad: de la tradición biopolítica a la tradición gubernamental. *Cuestiones de Filosofía* (18), 1. P. 89 – 108

POSTER, Mark. *Foucault, Marxism and History: made of production versus made of information*. Polity Press, Cambridge, in association with Basil Blackwell, Oxford: Editorial Office, 1984. Disponível em <http://www.humanities.uci.edu/mposter/books/>. Acesso em 27 de junho de 2016.

RAJCHMAN, John. *Foucault: A liberdade da Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

ROUANET, Sérgio Paulo. “A gramática do Homicídio”, in FOUCAULT, M.; ROUANET, S. P.; MERQUIOR, J. G; LECOURT, D; ESCOBAR, C. H. (comps.) *O Homem e o Discurso: A Arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ROCA, J. (2014). Michel Foucault: spiritual exercises for materialists. *Cuestiones de Filosofía* (16). P. 70-64.

VALEIRÃO, Kelin. *Marx e Foucault: Ideologia como política da vida*. São Paulo: NEA-A, 2015.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998.